

CAMINHOS E DESAFIOS PARA EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA NOS ANOS INICIAIS: RELATO DE EXPERIÊNCIA

Maria Nayara Oliveira Torres ¹

Maria Elizane Oliveira Torres ²

Kelly Almeida de Oliveira ³

RESUMO

Apresentamos o projeto realizado numa turma do 4º ano da escola pública municipal de Codó, estado do Maranhão. O projeto buscou conceituar o racismo a partir da obra *Racismo estrutural* (2019) de Silvio Almeida, identificar ações racistas na sociedade como o caso do jogador de futebol brasileiro, Vinícius Junior. Assim, a pesquisa objetiva analisar os caminhos e desafios enfrentados para a promoção da educação antirracista. Para discutir as ações antirracistas utilizamos a obra *O Pequeno manual antirracista* (2019) de Djamila Ribeiro e o livro didático de Ciências Humanas da Coleção Pitangüá Mais da Editora Moderna (2021), que são os livros adotados na rede pública de ensino. A pesquisa é qualitativa e descritiva. Os dados foram obtidos por meio da observação em sala de aula, anotações no caderno da roda de conversa e atividades realizadas ao longo do projeto. As atividades foram desenvolvidas durante os meses de outubro e novembro de 2023 nas aulas de história e geografia. Nas aulas, apresentamos os conceitos com base nos livros referenciados, realizamos a leitura compartilhada de trechos do livro didático, depois realizamos roda de conversas e trabalhos em equipe. Cerca de 70% da turma é formada por pessoas negras e pardas e que, por vezes, podem ter passado por situações racistas, e não terem notado, mas que a partir da conceituação e discussão sobre a temática podem ter compreendido que foram vítimas de racismo. Por isso, durante a discussão tentamos ser sensíveis para evitar constranger ou despertar gatilhos nas/os estudantes. Entendemos que o projeto contribuiu para a educação antirracista, mas percebemos que é necessário que a escola possa ter materiais pedagógicos para auxiliar no trabalho da/o professor/a em sala de aula para discutir sobre essa tema. Ao concluirmos o projeto, constatamos que as/os estudantes foram muito participativos trazendo relatos reais, comentando sobre casos de racismo que repercutiram na internet embora seja um tema delicado porque pode trazer à memória momentos dolorosos.

Palavras-chave: Educação antirracista, racismo estrutural, escola pública.

INTRODUÇÃO

No trabalho apresentamos o projeto *Aprendendo sobre o racismo para como combater o racismo* desenvolvido no período de outubro e novembro de 2023 na turma do 4º ano do ensino fundamental durante as aulas de história e geografia. Assim, a escola

¹ Especialista em ensino de Língua Portuguesa e Matemática no ensino fundamental-UFMA, Centro de Ciências de Codó, maria.nayara@discente.ufma.br;

² Graduanda em pedagogia pela Universidade Estadual do Maranhão, UEMANET, Professora da rede municipal de Codó, mariaelizaneoliveiratorres@gmail.com;

³ Doutora em Educação em Ciências e Matemática pela REAMEC/UFMT. Docente da Universidade Federal do Maranhão, ka.oliveira@ufma.br.

na qual foi realizada o projeto é uma instituição escolar da rede municipal de Codó, estado do Maranhão.

O projeto foi construído tendo como objetivos o racismo a partir da obra Racismo estrutural (2019) de Silvio Almeida, identificar ações racistas na sociedade como o caso do jogador de futebol brasileiro, Vinícius Junior. De modo que, buscamos analisar os caminhos e desafios enfrentados para a promoção da educação antirracista. O livro O Pequeno manual antirracista (2019) de Djamila Ribeiro foi usado para discutir as ações, conjuntamente, com o livro didático de Ciências Humanas da Coleção Pitangüá Mais da Editora Moderna (2021), que são os livros adotados na rede pública de ensino.

Assim, a pesquisa é qualitativa e descritiva. Em que os dados foram obtidos por meio da observação em sala de aula, anotações no caderno da roda de conversa e atividades realizadas ao longo do projeto. Sendo que durante as aulas, apresentamos os conceitos com base nos livros referenciados, realizamos a leitura compartilhada de trechos do livro didático, depois realizamos roda de conversas e trabalhos em equipe.

Almeida (2019) discute a respeito do racismo que se constitui de forma institucional e estrutural na sociedade, de tal maneira que, os espaços sociais de poder são ocupados por pessoas brancas. Quando há pessoas negras nesses espaços estão exercendo função profissional não valorizadas pela sociedade. Ainda podemos notar que o racismo se estende na dimensão científica, recreativa e ambiental.

Sobre o racismo científico relacionado ao uso da ciência para legitimar o racismo, podemos explicar no pensamento com base na ciência racista que os brancos são mais inteligentes que negros. Isso influenciou e infelizmente ainda faz parte do imaginário social. Tendo assim, relação com o denunciado por Freire (1996) que o racismo se manifesta diariamente em comentários de surpresa pelo bom desempenho de uma pessoa negra. É assim que o racismo se instaura, enraíza e permanece por ser realizado de forma constante e, às vezes, dissimulado.

Nesse sentido, a escola tem um papel importante por ser um espaço de formação que é responsável por apresentar, identificar e discutir a História e Cultura afro-brasileira e indígena, destacando as contribuições na ciência, tecnologia, literatura, artes, matemática, religiões, entre outros saberes e conhecimentos (Brasil, 2008).

Oliveira e Candau (2010) tratam da colonialidade em sua dimensão étnica-racial, histórica, social, geográfica, política e pedagógica, assim como as implicações da colonialidade para o que consideramos como conhecimento, civilidade e humanidade. Ao examinarmos esses conceitos internacionalizados percebemos a raiz da colonização, do

eurocentrismo que se traduz no que é apresentado por Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770 a 1831) que entendia que os povos africanos não haviam construído nada e não possuíam nenhum saber ou conhecimento.

É apresentado alguns marcos históricos importantes que contribuíram para a descolonização tais como a Constituição Federal Brasileira de 1988 e da Lei nº 10.639/03 que são relevantes para desconstruir essa visão eurocêntrica, que coloca a Europa como centro da história, cultura e conhecimento, enquanto que, subalterniza os povos não-europeus, principalmente os povos indígenas e africanos. Dessa forma, permanece o pensamento do colonizador como único e superior, de modo que as produções, tecnologias, saberes e conhecimentos dos outros povos africanos e indígenas são inválidos e invisibilizados. O que afeta diretamente no reconhecimento, identidade e valorização dos povos indígenas e africanos que têm suas contribuições para a humanidade são apagados (Oliveira; Candau, 2010).

Nesse sentido, é necessário um processo que se fundamente a partir do pensamento-outro e pensamento crítico de fronteira que problematiza o pensamento eurocêntrico e busca reconhecer a história, cultura, os saberes e conhecimentos dos povos subalternizados. Caminhar na direção do interculturalismo, que não considera apenas o conhecimento do homem branco europeu, pelo contrário, são considerados os dos outros povos sem hierarquizar e categorizar. Sendo que tem influência do marxismo e trilha para a pedagogia decolonial (Oliveira; Candau, 2010).

Em relação a isso, Vinicius Junior, jogador de futebol brasileiro, sofreu ofensas racistas por torcedores por meio de palavras como “macaco”, assim como por gestos que imitavam um “macaco”. Embora tenha repercutido na mídia os ataques racistas que Vinicius sofreu quando passou a integrar o time de futebol Real Madrid Club de Fútbol, o jogador já havia passado por isso em solo brasileiro. No ano de 2018, no jogo do Flamengo contra o Botafogo, no estádio Nilton Santos, Vinicius foi chamado de “neguinho safado” (GE, 2023).

O posicionamento de Vinicius foi importante para chamar a atenção para o racismo que acontece dentro e fora dos estádios de futebol. E que às vezes são vistos como algo comum porque é na emoção do jogo que os torcedores gritam ofensas aos jogadores, mas é preciso definir o que é expressão de emoções e sentimento do que é o racismo. Isso porque chamar de “macaco”, “jogar banana” e “imitar macaco” para um jogador negro tem um nome e é racismo.

A partir do movimento impulsionado pela resistência e denúncia de Vinicius foi aprovada pelo Governo do Distrito Federal para combater o racismo em eventos esportivos, a Lei Vinicius Jr. A referida Lei nº 7.517, de 2 de julho de 2024. Apesar de ser uma conquista importante, é necessário destacar que a Lei recebeu vetos nos artigos que impactam na promoção de ações antirracistas como capacitação e ações de conscientização de combate ao racismo.

O racismo é um sistema baseado na categorização de indivíduos a partir da raça em que consiste na manifestação discriminatória em comentários, gestos e ações que privilegiam um grupo racial enquanto subalternizado por outro grupo racial. Há distinção entre discriminação racial e preconceito racial (Almeida, 2019).

A discriminação racial é a atitude discriminatória a determinado grupo racial. Um exemplo é a escola não permitir a entrada de crianças com cabelos crespos. Entretanto, a discriminação positiva é benéfica, no sentido de discriminar um grupo racial na tentativa de uma reparação causada pela discriminação negativa. Um exemplo são as ações afirmativas com criação de cotas para pessoas pretas e pardas. E o preconceito racial é um conceito formado de estereótipo de um determinado grupo racial, exemplo que pessoas negras são menos qualificadas que os brancos (Almeida, 2019).

Nessa direção, Ribeiro (2019) debate sobre o compromisso que assumimos no combate ao racismo, que atitudes e ações são realizadas para contribuir para o antirracismo, assim somos provocados a refletir sobre o racismo que há em nós, porque se ele ainda existe é porque é reproduzido e recriado, embora ninguém queira assumir o racismo, mesmo vivendo em país marcado pelo racismo. Não se trata de se culpabilizar, mas de se responsabilizar e assumir um posicionamento diante da constatação do racismo e suas implicações. Nesse caminho é essencial assumimos a responsabilidade social, histórica, política, econômica e ideológica que envolve a luta antirracista.

METODOLOGIA

A pesquisa é qualitativa, descritiva. O projeto foi desenvolvido Aprendendo sobre o racismo para como combater o racismo na turma do 4º ano do Ensino Fundamental da escola pública municipal de Codó, estado do Maranhão. As atividades foram realizadas durante os meses de outubro e novembro de 2023 nas aulas de história e geografia. Nas duas primeiras aulas foram apresentados os conceitos com base nos livros referenciados. No decorrer de três semanas, realizamos a leitura compartilhada de trechos do livro

didático, depois realizamos roda de conversas e nas duas últimas semanas, organizamos a turma em equipes para apresentar trabalhos sobre racismo e ações de combate ao racismo.

O projeto foi realizado em duas disciplinas porque a professora Luz⁴ percebeu durante as aulas de história e geografia que leciona uma vez na semana nas turmas do 2º, 3º A, 3º B e 4º, que era necessário trabalhar essa temática com as/os estudantes. Assim, durante o projeto realizamos as anotações da observação, da roda de conversa e atividades realizadas ao longo do projeto. E para a análise dos resultados utilizamos a análise textual discursiva.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Uma vez que é uma pedagogia decolonial que se espera dos professores para cumprimento do que está previsto na Lei nº 10.639/03, o ensino da História e Cultura dos Africanos e afrodescendentes, assim como o que estabelece a Lei nº 11.645/08 o ensino da História e Cultura dos povos indígenas. É incumbido ao docente da educação no Ensino Fundamental e Médio desenvolver atividades de forma interdisciplinar, porque as referidas leis não criam disciplinas, mas indicam preferências para a organização de atividades em disciplinas como educação artística, de literatura e história (Brasil, 2003; Brasil, 2008; Oliveira; Candau, 2010).

Nesse contexto, surge o questionamento a respeito da formação das/os professoras/es atuantes na rede de ensino pública e privada para realizar essas atividades pedagógicas conforme a Lei. Podemos observar que anteriormente à legislação, já havia indicativo a respeito da educação para promoção de uma educação antirracista como a Constituição Federal (Brasil, 1988) e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996). Em 2004 foram aprovadas as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana que apresentam aspectos histórico, social, político da questão étnico-racial e orientação para promoção de uma educação antirracista em conformidade com o previsto na Lei nº 10.639/03 (Oliveira; Candau, 2010).

Nesse caminho, um projeto social e educacional intitulado *A Cor da Cultura*, foi desenvolvido em parceria do Governo Federal com a TV Futura e outras instituições

⁴ nome fictício dada a professora regente.

sociais atuantes na educação e relações étnico-raciais (Oliveira; Candau, 2010). Nesse projeto, foram disponibilizados materiais audiovisuais a respeito da história e cultura africanos e dos afrodescendentes que eram veiculados pela TV Futura e alguns dos materiais foram entregues em escolas da rede pública de ensino.

A respeito disso, na turma na qual realizamos a atividade, a professora Luz conta que teve a oportunidade de trabalhar quando lecionava na zona rural de Codó. Ela destacou que ministrou disciplinas usando os vídeos sobre as religiões de matrizes africanos em que apresentava os nomes de cada entidade, as vestimentas, os símbolos e a história de cada um.

Com isso, para que possamos ter uma educação que seja fundada na pedagogia decolonial precisamos ter em mente que é importante desconstruirmos a concepção de educação baseada no eurocentrismo, colonialidade, da supremacia da branquitude, mito da democracia racial e racismo epistêmico. Isso não é algo que muda rapidamente, é um exercício diário, é um processo que envolve mais do que força de vontade ou leitura superficial. É necessário estar pronto para reconhecer, enfrentar e transformar concepções, pensamentos e a mentalidade racista em atitudes e ações antirracista.

Assim, nas duas primeiras semanas, conversamos com as/os estudantes que desenvolvemos um projeto a respeito do racismo e ações antirracistas. Todos tinham algo a falar sobre o tema. Antes de apresentarmos o conceito de racismo, perguntamos à turma o que eles sabiam sobre o tema. Eles/as contaram a respeito de casos que repercutiram na mídia, principalmente, na internet. Alguns dos casos relatados foram o do Neymar e o do Vinicius, em que ambos foram vítimas de racismo enquanto estavam jogando futebol. AS/Os estudantes conseguiram identificar ações de racismo individual e coletivo manifestados com ofensas racistas e agressões físicas. No entanto, ainda não conseguiam identificar o racismo institucional e estrutural.

Apresentamos o conceito de racismo baseado em Almeida (2019). Como exemplo, discutimos sobre casos já conhecidos como o que foram trazidos pelas/os estudantes e perguntamos “*o porquê aquelas ações serem racistas? E por que não vemos pessoas brancas passando por situações de racismo?*” Os questionamentos foram realizados no intuito de provocar as crianças a pensar sobre o racismo como um conjunto de ações, atitudes e pensamentos, para que sejam capazes não somente de identificar situações de racismo, mas de se posicionar e denunciar.

Nesse momento, tomando cuidado ao tratar do tema e explicando por meio de exemplos devido ser um tema delicado que poderia despertar algum gatilho ou descoberta

que alguma das/os estudantes terem sido vítimas de racismo em razão da turma ser formada por mais de 70% por pessoas pretas e pardas. No entanto, não houve nenhuma criança que tenha contado ter sido vítima de racismo.

Acreditar que somos todos iguais no sentido que nega a existência de sistema racial que privilegia as pessoas brancas em detrimento da subalternização das pessoas negras, isso é não ser antirracista é um pacto silencioso do racismo. Assim como, acreditar que existe o racismo reverso é entendimento duplamente racista porque em certa medida nega a existência do racismo e defende que o racismo certo é o racismo destinado para os negros. Logo se o racismo é contra os brancos é o racismo reverso.

Somos formadas/os enquanto estudante, profissional e ser humano numa sociedade marcada por desigualdades sociais relacionadas às relações étnico-raciais. Logo, em certa medida somos influenciados pelo racismo estrutural e institucional que permeia a sociedade (Almeida, 2019; Ribeiro, 2017; 2019).

Nesse sentido, as aulas foram muito proveitosas porque as/os estudantes participaram bastante trazendo casos, comentando, perguntando e foi possível construirmos aprendizagens juntos. Já nas primeiras aulas percebemos que este é um tema que as crianças se envolveram e que nas aulas seguintes sempre tinham alguma notícia relacionada ao tema. A maioria passou a observar mais na internet sobre o assunto. Ficamos muito contentes porque despertamos o interesse delas/es em pesquisar e aprender mais.

O livro didático de Ciências Humanas da Coleção Pitangüá Mais da Editora Moderna (2021) apresenta o continente Africano na perspectiva que os primeiros grupos humanos surgiram na África, assim como a importância da diversidade, das raízes culturais dos povos africanos, destacando que se trata de um continente produtor de conhecimentos, saberes, tecnologias, culinária e artes. Entendemos que esses estudos contribuem para o combate ao racismo e à intolerância. Podemos notar que essa abordagem temática a respeito do continente africano, identificando as contribuições dos povos africanos para a humanidade é um passo importante na direção de um ensino da História e Cultura dos Afrodescendentes.

Ainda assim, é necessário usar livros como do Almeida (2019) e de Ribeiro (2017; 2019) que aprofundam a discussão sobre o racismo de uma forma mais estruturada, política, histórica, econômica e social e que estimulam a problematização consistente, tomada de decisão geradora de mudança de mentalidade. Proporciona também um embasamento teórico necessário para se provocar os estudantes a refletir sobre o racismo

para além do racismo escancarado como no caso do jogador Vinicius Junior, mas para que possam detectar o racismo institucional e estrutural. Logo, sejam capazes de fortalecer a luta antirracistas, pois como alerta Freire (2019), devemos ter cuidado com os discursos vazios de ação e senso crítico.

Quando realizamos as aulas usando o livro didático percebemos que a respeito das contribuições dos povos africanos para a matemática e medicina foram os assuntos que mais chamaram a atenção das/os estudantes, porque conheciam mais sobre as pessoas negras que são jogadores, cantores, atores/atrizes e apresentadores que são profissões importantes que requerem talento, estudo e dedicação. Entretanto, é necessário destacar que as pessoas têm uma percepção de que a matemática é difícil, tem que ser inteligente para saber matemática e é uma área do conhecimento valorizada pela sociedade. Para isso, é importante desconstruir essa concepção racista (Almeida, 2019. p.42) levando em consideração que:

A permanência do racismo exige, em primeiro lugar, a criação e a recriação de um imaginário social em que determinadas características biológicas ou práticas culturais sejam associadas à raça e, em segundo lugar, que a desigualdade social seja naturalmente atribuída à identidade racial dos indivíduos ou, de outro modo, que a sociedade se torne indiferente ao modo com que determinados grupos raciais detêm privilégios (Almeida, 2019. p.47).

Por isso, reconhecer as contribuições dos povos africanos para a matemática é algo muito relevante para compreendermos o continente africano não como um lugar de pobreza, mas como produtor de conhecimentos matemáticos, dentre outros. De modo igual, mostrar que os povos africanos têm saberes e práticas de desenvolvimento da medicina tradicional é um passo em direção ao reconhecimento do que o eurocentrismo apagou.

Assim, conversamos sobre a culinária africana, sua influência na culinária brasileira e sobre as religiões de matrizes africanas. Destacamos a figura do Mestre Bitá do Barão e do seu festejo da Tenda Espírita realizado anualmente em agosto. A maioria das crianças sabiam quem era o Mestre Bitá do Barão e do festejo. Ainda teve alguns que falaram que no festejo sempre tinha muita gente de outras cidades e que era uma festa bem grande. Uma estudante contou que já tinha visto o festejo realizado no rio Itapecuru “que tinha muitas pessoas, a maioria de roupas brancas e as mulheres de roupas de vestido

longo e saias longas.” A maioria das/os estudantes moram nos bairros São José e São Raimundo que fazem parte da Trizidela, bairros localizados às margens dos rios.

Nesse sentido, tratamos do caso do Jogador Vinícius em que discutimos com as crianças sobre como o time de futebol tem se posicionado e que medidas foram tomadas. Um estudante explicou que o Vinícius já tinha passado por isso em outros jogos na Europa e que foi “no evento grande de futebol da Europa”. Depois disso, conversamos e realizamos um breve comentário que no Brasil a Constituição Federal (1988) prevê que todos são iguais perante a Lei e que não deve haver discriminação racial.

Com base nisso, temos no Código Penal Brasileiro (1940) o crime de racismo e a Lei nº 7.716/89 que apresenta a definição do crime de racismo, os casos considerados crime de racismo e a penalidade aplicada a cada caso. Em 2023, foi tipificado como crime a injúria racial. Nesse momento, percebemos que as crianças ainda não sabiam a respeito do previsto na Constituição Federal (1988) e nem que racismo fosse considerado um crime. No entanto, concordaram com o estabelecido na legislação.

Nisso, conversamos com as/os estudantes, se sabiam que estava sendo discutido sobre a criação de uma Lei a partir do caso de racismo sofrido pelo Vinicius? Eles ainda não sabiam disso, mas sabiam que por causa dele houve um movimento no futebol de apoio ao Vinicius e de manifestação contra o racismo em algum jogo. Contaram que o apoio se estendeu para além do campo de futebol e contou com a participação de famosos e artistas. Nesse contexto, Vinicius passou a ser considerado um símbolo na luta contra o racismo.

O site esportivo GE (2023), pertencente à Globo, descreve os casos de racismo sofrido com Vinícius e da sua incansável luta para o reconhecimento de que aquelas ações se tratavam de racismo mesmo após o arquivamento de algumas denúncias e como o posicionamento negacionista do líder da *La Liga*. Ainda enfrentou a persistência dos torcedores racistas chegando ao ponto da torcida do Atlético de Madrid simular um enforcamento de Vinícius usando um boneco com a camisa do Brasil. Até pelas danças de comemoração Vinicius sofreu racismo, em que o presidente da Associação Espanhola de Empresário de Jogadores, Pedro Bravo, falou que a forma de comemoração era desrespeitosa e uma “macaquice”. A respeito disso, Ribeiro (2019, p.48) denuncia que:

O fato de parte expressiva da sociedade considerar ofensas raciais como “piadas”, como parte de um suposto espírito irreverente que grassa na cultura popular em virtude da democracia racial, é o tipo de argumento necessário para que o judiciário e o sistema de justiça em geral resista em reconhecer casos de racismo, e que se considerem racialmente neutros (Ribeiro, 2019.p.48).

Na conversa com as crianças, outro jogador de futebol que foi falado na turma foi o Pelé, que faleceu em 29 de dezembro de 2022. Além de ser um jogador muito talentoso, famoso e reconhecido internacionalmente, também foi considerado um símbolo de força e resistência no combate ao racismo. Alguns estudantes contaram que talvez no tempo dele foi mais difícil porque “hoje tem a internet e as pessoas filmam tudo”. Antes era mais difícil denunciar.

Ainda falaram do caso que viralizou nas redes sociais de um jovem que trabalhava como entregador de comida por aplicativo no período da pandemia do Covid-19 e que foi ofendido em razão da sua etnia e condição socioeconômica. Relataram também o caso de um entregador que foi chicoteado pela mulher branca. Nessas situações, é possível perceber que se trata de racismo, mas eles não trouxeram exemplos de racismo institucional e estrutural.

Diante disso, falamos sobre o caso de uma criança negra de cabelos crespos que foi proibida de ir à escola porque o corte de cabelo dela não estava de acordo com as normas da escola. Nisso, perguntamos *se poderia ser considerado racismo?* Alguns disseram que sim. Alguns ficaram pensando e outros disseram que achava que talvez fosse. Questionamos por que seria racismo e eles falaram que se fosse branco não iriam impedir a criança de ir à escola. Assim, explicamos que é uma forma de discriminar determinado grupo de pessoas com base na etnia. Perguntamos se em um anúncio de emprego que apresenta como requisito boa aparência e não recusa a pessoa por ser negra é racismo ou não? Dessa vez, a maioria disse que sim. E indagamos *por que é racismo?* E responderam que a boa aparência que estava no anúncio era baseada em pessoas brancas enquanto excluía aqueles e aquelas que não se encaixavam no perfil.

Em relação às ações antirracistas, tratamos das ações que podemos realizar para o combate ao racismo. Retomamos brevemente ao que aprendemos ao longo do projeto em que conversamos sobre o que é o racismo, dos casos de racismo com destaque para o Vinicius, da contribuição dos povos africanos e sua influência na cultura brasileira.

Dessa forma, debatemos que os direitos que as pessoas negras têm são fruto de luta e resistência, ou seja, não foram concedidos, foram conquistados. Relembramos sobre o que consta na Constituição Federal (1988) e do Código Penal Brasileiro (1989) que são fortemente influenciados pelo Movimento Negro.

Nesse contexto, estimulamos as crianças a pensarem sobre que atitude elas têm realizado para combater o racismo. É um exercício que envolve pensar sobre o que é ação

antirracista e reflexão sobre nossas próprias atitudes. Esse processo não foi realizado para criar culpa nas/os estudantes, mas chamar a atenção para o poder que temos de contribuir para uma sociedade justa e igualitária, até porque culpar alguém não resolve o problema. No entanto, negar que um determinado grupo racial tem privilégios, e se é desse grupo que faço parte e gozo desses privilégios como se fossem direitos sem refletir nas suas implicações é compactuar com ele.

Nisso, o intuito foi de convidar as crianças a assumirem um compromisso na luta contra o racismo e contribuir na promoção de educação antirracista. Essa foi uma das aulas em que as crianças ouviram mais do que falaram. Isso porque elas tinham muitas perguntas, dúvidas e ficaram pensativas.

Ainda assim, as crianças falaram da importância do respeito ao outro e da tolerância que, para elas, são atitudes necessárias no combate ao racismo. O racismo é além do que a gente consegue ver na superfície. Não se trata de um comportamento individual ou de somente um pequeno grupo de pessoas, mas é numa dimensão estrutural, nas bases da sociedade brasileira que se enraíza por instituições, mídias, imaginário social e está no nosso cotidiano disfarçado como piadas, comentários, ditados populares e brincadeiras.

Em virtude disso, reiteramos com a crianças que o respeito é importante, devemos respeitar a pessoa e suas singularidades. Apesar disso, nas ações de combate ao racismo devemos levar em consideração a aprendizagem sobre a história e cultura dos povos africanos e afrodescendentes, apreciar as produções literárias de pessoas negras, não consumir conteúdos que estereotipem e inferiorizem as pessoas negras, consumir as produções audiovisuais com protagonismo negro, e ou produzidos por pessoas negras, pesquisar sobre termos racistas para não usar e se posicionar diante de situações de racismo.

Evidentemente que há mais a ser feito porque em certa medida é como se estivéssemos no processo de destruição do racismo que há em nós. Assim, antes de terminar a aula, combinamos com as crianças que deveriam ser organizar em equipe de até cinco pessoas e que na próxima aula a equipe iria apresentar sobre o que é racismo e de ações que podemos realizar para combater o racismo. Assim, cada equipe ficou responsável por pensar em uma atitude, comportamentos e ações de combate ao racismo para depois apresentarem aos colegas de forma oral.

Na última aula, as equipes apresentaram. Podemos observar que as crianças conseguiam aprender mais a respeito do tema, mas ainda era necessário mais tempo. Em

razão de já estar próximo às provas do final do ano, não podemos estender o projeto. E como somente tinha um dia de aula na semana, era mais difícil trabalhar com profundidade o tema.

A professora Luz relatou que costuma trabalhar o tema a partir de maio porque durante o ano letivo têm feriados, datas comemorativas, projetos da Secretaria de Educação e isso afeta o andamento de projeto ou demais atividades. Esse foi o primeiro ano dela lecionando a disciplina de história e geografia, o que demandou mais tempo para conseguir estudar os livros, outros materiais na internet e preparar atividades sem deixar de lado o livro didático. Ela desenvolveu o projeto nas duas turmas que leciona.

Podemos perceber nas apresentações que as crianças já conseguem entender a importância de se posicionar diante de casos de racismo. Ainda apresentaram dificuldade ao conceituarem racismo, mas entenderam que, com um conjunto de atitudes podem ser realizadas por pessoas, grupo de pessoas e instituições. Elas ressaltaram a relevância da denúncia do Vinicius e do movimento social que se estendeu para além dos gramados e chegou na internet, onde alcançou proporção mundial. Foi um projeto em que aprendemos ao mesmo tempo em que ensinamos, foi muito prazeroso ouvir as contribuições e observar o interesse em saber mais sobre o tema. Podemos notar que os estudantes estão dispostos a pensar e refletir sobre a que forma como podemos contribuir para o combate ao racismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que um projeto como esse é importante para formação humana e cidadã das/os estudantes, porém ainda dependem da vontade da/o docente. Caso não queira trazer essa discussão fundamentada em livros além do livro didático, então as/os estudantes não terão a oportunidade de debater sobre o racismo, suas implicações e ações antirracistas porque o livro didático não aprofunda essa discussão. Os livros usados foram de iniciativa da professora, ou seja, não tem na escola material pedagógico para orientação de atividades para o ensino sobre a temática trabalhada no projeto.

Dessa forma, cabe ao professor buscar por material se quiser desenvolver atividades voltadas sobre o tema racismo. Logo, é difícil conseguimos promover uma educação antirracista se não tem materiais de orientação, didáticos, livros para fundamentação da discussão.

Portanto, podemos perceber como o projeto contribuiu para aprendizagem das/os estudantes pois puderam comentar, tirar dúvidas, contribuir, pesquisar e foram provocados a refletirem sobre o racismo, suas formas de manifestação e propor ações para o combate. Observamos que eles ficaram mais atentos e que sempre traziam casos, comentários e informações relacionadas ao tema.

AGRADECIMENTOS

Ao grupo de pesquisa Grupo de Estudos e Pesquisas Sobre Histórias e Educação de Mulheres (GEPHEM).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**. São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília. 1988.

BRASIL. **Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989**. Brasília. 1989.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Brasília. 2003.

BRASIL. **Lei nº 11.645, de 10 março de 2008**. Brasília. 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Paz e Terra; 74ª edição, Rio de Janeiro. 2019.

GE. **Racismo contra Vinicius Junior: veja tudo sobre o caso**. GE, Globo. Madri. 2023. Disponível em: Racismo contra Vinicius Junior: veja tudo sobre o caso | futebol espanhol | ge (globo.com). Acesso em 25 de agosto de 2023.

MODERNA. **Ciências Humanas**. Coleção Pitangüá Mais: 4º ano ensino fundamental anos iniciais. Moderna São Paulo. 2021.

RIBEIRO, D. **O que é: lugar de fala?**. Belo Horizonte(MG): Letramento: Justificando, 2017.

RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras,

2019.

OLIVEIRA, Luís Fernandes de; CANDAU, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 26, n. 1, p. 15-40, abr. 2010. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/edur/a/TXxbbM6FwLJyh9G9tqvQp4v/?format=pdf&lang=pt>.
Acesso em 15 de setembro de 2023.